



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
PSICOPATOLOGIA NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Docente: Profa. Dra. Carmem Beatriz Neufeld

Docente colaboradora: Dra. Fabiana Maris Versuti

Monitoras: Dnda Myrian Silveira, Dnda Isabella Wada, Me Fernanda Esteves, Me Beatriz Lobo, Me Isabela Rebessi, Mnda Camila Amorim, Psic Alessandra Rezende, Psic Mariana Risso, Psic Eloha Santos

CASO JÚLIA– PARTE 1

Júlia tem 11 anos e está no 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola particular. Mora com os pais, Juliana (35) e Fernando (37). Juliana é contadora, e trabalha em um escritório de contabilidade, e Fernando é arquiteto, trabalhando autonomamente. Os pais procuraram atendimento para Júlia após receberem uma ligação de sua professora, que contou a eles que a menina estava se mostrando muito introspectiva e quieta na sala de aula, interagindo apenas com uma amiga mais próxima, ficando preocupada com o comportamento recluso da menina. Essa preocupação da professora já era algo que eles mesmos tinham reparado, pois nos últimos meses Júlia também vinha manifestando esses comportamentos fora da escola: “Nós achávamos que isso era consequência da pandemia, agora já não sabemos mais... a Júlia sempre foi uma criança mais na dela, de parecer não ligar muito para interação, nem com os adultos nem com outras crianças, mas ultimamente percebemos que ela não interage quase nada com os amigos, e chega em casa, entra no quarto e fica lá na dela”, diz Fernando.

Juliana completa: “e toda vez que alguém tenta se aproximar ela reage estranho, fica irritada, não olha pra cara da pessoa, isso quando não sai correndo... eu tenho achado isso até desrespeitoso! Esses dias estávamos na casa da minha irmã conversando e a Júlia na dela enquanto as crianças brincavam, aí elas chamaram a Júlia para brincar, passou uns 5 minutos ela saiu correndo, eu fui atrás e escutei ela chorando no banheiro. Eu bati na porta e perguntei se ela estava bem, ela me pediu pra ir embora. Dei o espaço que achei que ela precisava. Mas fui jogar um verde com as crianças, pra ver se entendia o que tinha acontecido, aí elas falaram que a Júlia estava querendo brincar do jeito dela, do jeito errado, e elas falaram isso pra ela, aí ela saiu correndo. Estamos muito preocupados”.

A psicóloga investiga como a Júlia se comporta em casa, o que gosta de fazer. Fernando diz: “eu fico sempre em casa, trabalhando, mas quando ela está lá eu busco estar atento. Quando ela era mais criança ela adorava brincar comigo, participar na hora de cozinhar, gostava que eu ensinasse ela a escrever em cima das minhas próprias anotações. Mas isso quando ela era bem novinha... tipo com uns 2, 3 aninhos. Ela foi crescendo e mudando o jeito de ser. Agora ela não me busca mais pra nada, e toda vez que tento oferecer pra ela participar ela diz que não quer, e eu vejo que ela parece que fica assustada, fica até meio vermelha, sabe? Como se tivesse desaprendido a fazer tudo o que fazia comigo... até certo ponto eu sei que é normal, as mudanças das fases da vida mesmo, mas ela nem me olha nos olhos mais direito, isso me deixa muito mal. Fico pensando se fiz alguma coisa de errado”.

A psicóloga investiga um pouco mais como é a relação dos pais com a Júlia. Juliana conta: “ela é filha única, sempre quisemos ter uma criança, então foi a realização de um sonho. Ela foi muito quista e planejada, até o nome dela o Fernando sonhou um dia, e quisemos colocar em homenagem a minha avó, que também se chamava Júlia. E ainda parece meu nome [risos]”. Fernando completa: “nós sempre buscamos tentar entender o que está acontecendo, e gosto de acreditar que tudo o que a Julinha precisa nós damos na medida do possível. Atenção, carinho, compreensão. A Juliana até fez eu fazer um curso de parentalidade antes dela nascer! [risos]”. Juliana diz; “Por isso viemos buscar ajuda, não sabemos o que estamos fazendo de errado”.

Juliana compartilha: “Eu não sei se isso é questão da idade, se é porque ela está entrando na pré-adolescência, né? tem isso de se afastar dos pais, mas a impressão que eu tenho é que ela está isolada de todo mundo, e parece querer isso. Como se não tivesse interesse mesmo em participar de interações sociais”. Fernando diz: “É isso! Parece que ela só quer ficar na própria companhia, fazendo as coisinhas que ela gosta de fazer, na dela. Às vezes eu fico em dúvida se realmente tem alguma coisa a mais aí...”.

Por fim, a psicóloga investiga o que a Júlia costuma fazer quando está em casa. Fernando diz: “Ultimamente eu nem sei muito bem, porque ela fica com a porta fechada. Mas já vi ela vendo série, jogando no computador, fazendo lição de casa. Coisas que toda criança faz, mesmo”. A psicóloga pede aos pais que a próxima sessão seja realizada somente com a Júlia, para que possa levantar mais elementos para avaliar o que está acontecendo. Eles concordam em trazê-la, se despedem, e a sessão é encerrada.

Perguntas norteadoras:



1. Quais são as principais dificuldades de Júlia e de sua família?
2. A partir das informações até o presente momento, quais hipóteses diagnósticas podem ser consideradas? Por quê?
3. Quais outras informações são necessárias para confirmar ou refutar as hipóteses levantadas acima?